

## A APRENDIZAGEM DA DOCÊNCIA NA INICIAÇÃO À DOCENCIA: IMPRESSÕES DO PIBID.

Mary Tânia dos Santos Carvalho

*Universidade do Estado do Amazonas - Centro de Estudos Superiores de Parintins- UEA/ CESP.*  
[marytania-sc@hotmail.com](mailto:marytania-sc@hotmail.com)

### RESUMO

No artigo abordamos as contribuições e limites da aprendizagem da docência e do ensino de História evidenciados durante o desenvolvimento do Subprojeto PIBID/ História do Centro de Estudos Superiores de Parintins CESP/ UEA, realizado em duas escolas da Rede Pública de Ensino deste Município. O objetivo é mostrar de que forma o Programa de Bolsas de Iniciação à Docência- PIBID tem contribuído para a formação docente do Ensino Superior especificamente, da Licenciatura em História. Nossa metodologia parte implementação do Subprojeto buscando articular os aspectos teóricos entre a “História- matéria” e “História- conhecimento” articulando saberes da formação universitária que propiciassem uma reflexão sobre a “História- disciplina” como processo de produção do conhecimento tanto na escola de Ensino Fundamental, de Ensino Médio e Ensino Superior como forma de garantir a mediação entre conceitos epistemológicos da aprendizagem escolar e “História- realidade”. Os resultados tecem tramas das relações cotidianas dos diferentes sujeitos envolvidos no processo de formação tanto na dimensão inicial como continuada enfrentando os desafios e as necessidades postas na contemporaneidade ao depararem-se com a pouca valorização e interesse demonstrados, que os alunos declaram ter pela disciplina História. Palavras chaves: Aprendizagem, Docência, Ensino de História.

### INTRODUÇÃO

Para falar da aprendizagem da docência na formação inicial da Licenciatura em História CESP/ UEA, contarei um pouquinho da nossa iniciação à docência compartilhando- a com a opinião de Zibetti (2011, p. 32), sobre a necessidade de uma formação docente que compreenda “a formação do educador como um processo que ocorre na prática social de educar em curso nas escolas.” Iniciamos a docência em uma sala multiseriada (1988), Zona rural do município de Parintins/ Am., no Projeto de Assentamento Vila Amazônia. Embora seja muito enfatizado as estradas fluviais da Amazônia, meus pequenos alunos percorriam 6 km<sup>2</sup> de estrada de terra para chegarem à escola. Tal condição era inaceitável, primeiro por serem crianças muito pequenas, segundo pelos riscos que corriam ao fazer esse percurso, terceiro o sol e a distância os deixava cansados demais e quarto motivo, poucos sabiam ler. Logo, o livro didático que me fora repassado era difícil demais para aquela realidade.

Decidimos então oferecer- lhes como leitura textos mais curtos, algo mais atraente (pensava eu), que os motivasse, pensamos então na magia de Cecília Meireles ao brincar com as palavras no livro “Ou isto ou aquilo,” queria mostrar- lhes como poemas tão pequenos podiam falar de coisas já vistas ou imaginadas e principalmente, engraçadas. Como também, a partir dos poemas

diversificados da autora eles poderiam incentivados por mim, falar ou escrever seus sentimentos, experiências, de forma que se tornasse agradável falar e ouvir suas ideias, ou melhor, queria que estes também brincassem com as palavras.

Iniciamos as leituras, e eu iniciava a aprendizagem da docência na iniciação à docência como professora em uma escola sem gestor, sem coordenador pedagógico, sem paredes. Foi justamente nesse contexto poético que o real do processo ensino aprendizagem começa a revelar-se desafiador, complexo, condição até então impensada. Começo a compreender que, o ambiente sociocultural demarca posicionamentos frente à determinadas situações no âmbito da vida cotidiana, tanto do professor quanto dos alunos. Nunca esqueci um trecho do texto “O caçador de matim” que o aluno da 4ª série escreveu, ao brincar com seu repertório de escolha de palavras como fez Cecília Meireles. Este criou suas rimas juntou palavras que formaram ideias de um cotidiano amazônico vivido, distinto, povoado com crenças e conhecimento nativo que mistificam homem, floresta, medo e beleza. Posto nestas palavras:

O caçador de matim  
Um caçador foi esperar numa fruteira;  
que se chamava copaibeira  
mas quando ele chegou lá, um grito ele escutou;  
muito medonho que ele até se assustou  
Pra banda da meia noite, ele escutou  
um grito mais perto;  
Ele disse: vá embora seu matim! Mas parece que ele me escutou  
Ainda bem que Deus me ajudou.  
[...] (texto aluno 4ª série, 1989)

Ao ouvir e ler este e os demais textos dos alunos lembramos de Monteiro Lobato, “toda obra nasce de um sonho ou, de uma loucura.” No meu caso, da incerteza do como fazer, estava distante e sozinha. Tinha que decidir se fazia uso do livro didático, ou se continuava com os poemas de Cecília Meireles e os construídos pelos alunos para estudar “português,” afinal qual metodologia usar? “Esta ou aquela?”

Nos atemos a esta experiência vivida no início da docência, para problematizar no âmbito acadêmico discussões em torno da formação docente inicial e continuada/ prática pedagógica compartilhada tanto com especialistas na área como, instituições formadoras e escolas de educação



básica à luz das políticas públicas e acima de tudo a interferência destas na qualidade do ensino. Pois sem reflexão desse conjunto mais amplo que envolve o processo educacional, não se estará estimulando os estudantes das licenciaturas a discutir de forma consciente as problemáticas cotidianas enfrentadas pela escola na contemporaneidade, de igual modo, o contexto econômico e político que as envolve, demandando diferentes formas de intervenção pela prática social.

Dentro dessa perspectiva, Profissionais de diferentes Instituições tem discutido a inserção de alunos de licenciaturas no PIBID. Entre eles Zibetti (2011), esta professora a partir da experiência com o Programa de Iniciação à Docência defende a ampliação deste, de forma integral para todos os cursos de licenciaturas, direito a bolsas, experiência prolongada de docência compartilhada, ingresso na carreira docente articulado ao desempenho durante a formação entre outras sugestões tão importantes quanto estas. Conforme a autora:

Essa possibilidade permitiria a todos os futuros professores vivenciar o que o PIBID tem proporcionado aos seus bolsistas que é a inserção desses estudantes no cotidiano escolar, desde o início da formação, acompanhados por especialistas na área, tanto das instituições formadoras, quanto das escolas de educação básica (p.32).

As contribuições de Zibetti são atuais e pertinentes neste campo educacional tão importante e ao mesmo tempo tão delicado que é a iniciação à docência, em momento que exige-se do professor competências para promover resultados do ensino, com base nas recomendações dos entes financiadores que definem e acabam por normatizar modelos educacionais a serem absorvidos. Assim, a aprendizagem da docência na iniciação à docência mediada pelo PIBIB no curso de licenciatura em História CESP/ UEA, não fugiu a esse contexto acima exposto como também, propôs uma iniciação à docência em diálogo com a formação continuada, visto estes dois momentos serem condição importante para a releitura das experiências das aprendizagens tanto dos bolsistas como dos professores de História e supervisores do Subprojeto. Essa integração ao cotidiano dos professores e das escolas permitiu aos bolsistas articular aspectos teóricos da formação acadêmica referentes à História- disciplina com a prática social que tece a História- realidade em curso nas escolas onde atuaram e, por conseguinte demonstraram sua relação com o mundo e com a História. Permitindo assim, verem a escola como local de ação e o currículo como recurso de intervenção por meio das Sequências Didáticas aplicadas e, o ensino como objetivo essencial da aprendizagem da docência.

## **METODOLOGIA: APRENDIZAGEM DA DOCÊNCIA- ‘HISTÓRIA- MATÉRIA,’ ‘HISTÓRIA- CONHECIMENTO’ E ‘HISTÓRIA- DISCIPLINA’ NA TECITURA DA ‘HISTÓRIA- REALIDADE.’**

Para diferenciar os conceitos articulados na dimensão do Ensino de História, lançamos mão, na literatura que propõe discussões sobre a natureza do discurso e do conhecimento históricos, primeiramente, das contribuições e estudos realizados por Falcon (2002). Ele afirma que são muitos os problemas de conceituação e método que hoje espreitam o profissional da História de tal modo que, o lugar dos conceitos também é lugar de ambiguidade semântica a começar pela diferenciação entre ‘História- matéria’ e ‘História- conhecimento’

Na diferenciação entre ambas, há um jogo semântico no qual “o conhecimento de uma matéria e a matéria desse conhecimento em que a história- disciplina tanto pode significar o processo de produção quanto o respectivo produto, já que ambos os casos se trata do ‘conhecimento histórico’” (FALCON, 2002, p. 57). Nesta teia ambígua, os professores de História, fazedores de História, na maioria das vezes não detêm a clareza quanto ao fato de que lidamos com a produção do conhecimento histórico e não com sua mera reprodução tal qual encontra- se principalmente, nos livros didáticos de História.

Também é mera ilusão ficar alheio à compreensão do mundo que nos envolve, antes de ser um profissional da História, somos sujeitos históricos. Como nos lembra Pinsky (2010), o cotidiano está presente nas aulas, romper com o etnocentrismo é abrir espaço a visões mais pluralistas de ensino. Ensinar a refletir a criação do foto histórico ensinado nas aulas de Historia, suas metodologias, as linguagens usadas na veiculação desse saber desde a seleção de conteúdos até as mediações que se fazem entre diferentes enfoques, abordagens e procedimentos conceituais e práticos é questão primordial, além de ser responsabilidade social do ensino de História.

Diante desse conjunto conceitual complexo e dinâmico é fundamental desde a formação inicial que os alunos de licenciatura em História tenham a clareza que lidamos com a produção do conhecimento histórico, onde cada um delineará seu estilo pessoal, simpatias teóricas, interesses próprios advindos de especializações em temas específicos. Porém, jamais devem esquecer que “lidamos com a produção do conhecimento histórico sempre a partir de algum tipo de noção ou conceito sobre aquela ‘História- realidade’” (FALCON, 2002 p. 58). Cujas base surge da busca de textos didáticos, discursos, citações, referencias da memória ou da tradição, essas evidencias históricas manipuladas pelo professor de História irão materializar o fazer pedagógico cotidiano e



os conteúdos de ensino e da aprendizagem histórica na História- disciplina. Como explica Couto (2005, p. 15), de forma mais abrangente:

São vários os caminhos para representar o conhecimento do conteúdo da matéria, os quais se apoiam na literatura acumulada e em estudos nas diferentes áreas de conteúdo e nas pesquisas filosófica e histórica sobre a natureza e a representação do conhecimento das referidas matérias. Os conteúdos da matéria resultam da experiência acumulada no mundo social, cultural e natural.

O professor deve compreender porque o conteúdo é definido e sistematizado dessa maneira. À medida que o domina tem mais habilidades para organizar e planejar seus conceitos.

Couto (2005) aborda com propriedade a responsabilidade que o professor tem em relação ao conhecimento do conteúdo da matéria, como suporte para que os estudantes aprendam determinado conteúdo e compreendam as especificidades dos conceitos, termos e conteúdos próprios de uma disciplina, como também as conexões com outros conteúdos e o mundo além da escola. Ressalta ainda, que o conhecimento pedagógico do conteúdo vai além do conhecimento do conteúdo da matéria, representando uma combinação entre o conhecimento da matéria e a maneira de ensiná-la.

Com essa compreensão que os conteúdos podem ser significativos para além da escola a partir da experiência do professor ao estabelecer relações com o cotidiano dos alunos e com o cotidiano de outras pessoas, em outros tempos e em outros lugares, particularmente com relação ao Ensino de História podemos dizer, com base nas referências utilizadas que, a aprendizagem da docência é um conhecimento construído ao longo de trajetória profissional.

Porém deve-se entender que uma prática de ensino-aprendizagem coerente deve partir de uma fundamentação teórica sólida. Tal concepção direcionou nossas atividades pedagógicas na iniciação à docência vivenciada pelos bolsistas do Subprojeto PIBID/ História CESP/ UEA. Pois Zibetti (2011, p.32), ressalta que a inserção de alunos bolsistas do PIBID nas escolas só será revertida em benefícios para a formação destes, se esta “for conduzida de forma que os alunos possam articular aspectos teóricos da formação universitária com a prática social”. Isso significa de modo mais amplo que, depende da maneira como os envolvidos no Programa (coordenadores, bolsistas, supervisores) conduzem suas práticas. E de modo mais restrito por meio de quais situações práticas de aula e na sala de aula as ações planejadas são capazes de promover auto-reflexão sobre o seu próprio conhecimento. Como também, permitir-lhes perceber que estão aprendendo novas formas de ensinar em situações formais e não-formais de aprendizagem.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO: AS IMPRESSÕES E APRENDIZAGENS PROPORCIONADAS PELO SUBPROJETO PIBID – CESP/ UEA.

A prática inicial docente dos alunos do segundo e quarto períodos de Licenciatura em História dos turnos matutino e noturno do Centro de Estudos Superiores de Parintins- CESP/ UEA., tiveram suas atividades docentes desenvolvidas em forma de oficinas, por meio de Sequências didáticas numa proposta de **“Vivenciar a interdisciplinaridade na Prática do ensino de História: formação e Docência,”** cuja produção do conhecimento fosse assumido como investigação em História e vinculada à vivência dos alunos.

Considerando que, essa concepção social e ativa do processo ensino aprendizagem, associa-se à concepção de que o conhecimento histórico se dá no diálogo que os sujeitos estabelecem com o conhecimento socialmente produzido a partir de suas questões.

As oficinas estiveram voltadas aos alunos do 8º e 9º anos e EJA- Ensino Fundamental da Escola Municipal Irmã Cristine e Escola Estadual Brandão de Amorim de 1º, 2º e 3º anos do Ensino Médio, para turmas de 35 a 45 estudantes. Como resultado dessas atividades os bolsistas do subprojeto PIBID, falaram da importância do Programa PIBID das tecnologias auxiliares ao trabalho do docente e, de modo diferenciado falam suas aprendizagens, Como desta-se aqui um relato registrando em encontro semanal: **“o PIBID nos propiciou meios de ensinar conteúdos, como tratar pessoas, dialogar com elas. Cada dia é um desafio diferente. Por que uns conseguem outros não?”** (bolsista/Subprojeto PIBID História).

Podemos enfatizar neste discurso a formação inicial expressando uma visão singular quanto às condições de aprendizagem dos alunos, mediante reflexão- na- ação, como explica Schon (2000, p. 32) “ainda que ações comuns produzam resultados comuns, há algo nelas que nos parece estranho, porque passamos a vê-las de uma outra maneira.”

Neste outro dizer há outra observação referente ao tempo e a estrutura dos Cursos Modulares de EJA, **“ao trabalhar as oficinas, são desafios: os horários, o não contato com a disciplina História.”** (bolsista/Subprojeto PIBID História). Esses e outros relatos abordam as aprendizagens proporcionadas pelo Programa PIBID, refletidas no que aprenderam tendo como base os conteúdos estudados e planejado nas oficinas didáticas que aconteceram em Sequências didáticas, seus resultados evidenciam hora a natureza das aprendizagens, distribuídas no material produzido pelos alunos hora nas diversas categorias que envolvem o ensino e sua estrutura organizacional maior, na qual o Subprojeto/ PIBID História está situado. Como também no apoio



recebido pelos professores supervisores e o suportes disponíveis. Vejamos os resultados nas tabelas 1 e 2 abaixo:

Tabela 01-Resultados Escola Brandão de Amorim

TITULO DA OFICINA	<b>“Sequências Didáticas aplicada ao Ensino de História a Partir de Letras de Musicas: Toadas dos Bois bumbás de Parintins Caprichoso e Garantido.”</b>
ESCOLA	<b>Escola Estadual Brandão de Amorim</b>
IMPRESSÕES DOS BOLSISTAS:	<p>O trabalho refere-se às atividades iniciais do programa institucional de bolsa de iniciação à Docência/PIBID, tendo como participantes sete acadêmicos do curso de História CESP/ UEA. Teve como objetivo ajudar alunos de Ensino Médio a compreenderem a História Pré- Colonial da Amazônia conteúdo didático abordado pelo professor em sala de aula. <i>“Na cultura brasileira, a canção popular brasileira é arte, diversão, fruição, produto de mercado, e por tudo isso, uma referencia cultural bastante presente no dia a dia [...], (re) apropriada cotidianamente, objeto multifacetado e polissêmica, é elemento importante na constituição da cultura histórica dos sujeitos [...]. Por todas essas razões pode ser tomada como um instrumento didático privilegiando no ensino de historia.”</i> (HERMETO,2012,p. 12). Vivenciando a experiência inicial da profissão de professor, através do contato direto com os alunos em sala de aula e a observação destes à Prática Pedagógica do professor de História, afirma-se que o contexto observado tem demonstrado que apenas os estágios oferecidos no final dos cursos de licenciatura não apresentam condições suficientes para uma atuação competente como docente, muitos licenciados saem da universidade despreparados para atuarem na realidade que lhe espera seja por motivos metodológicos/ procedimentais ou pessoais, se perdem e não se recuperam ao longo do processo educacional.</p>
IMAGENS	



Tabela 02-Resultados escola Irmã Cristine

TÍTULO DA OFICINA:	<b>“Sequências didáticas- Minha história na história; A caixa de História; Uso do jornal na sala de aula.”</b>
ESCOLA	<b>Escola Municipal Irmã Cristine</b>
IMPRESSÕES DOS BOLSISTAS	<p>“a experiência de uma atividade em Sequências Didáticas desenvolvidas no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência- PIBID, por acadêmicos do curso de História, 2º e 4º Períodos, CESP/ UEA. Objetivou dar subsídios teóricos e práticos para que os alunos pudessem acompanhar o trajeto do pensar histórico, por meio da exploração de fotos, documentários e artefatos. Esse trabalho foi gratificante à medida que se pode ver o entusiasmo dos alunos durante as atividades e como essas atividades ajudam a tornar o ambiente escolar um lugar agradável, divertido, interessante de maneira com que as aulas tornem-se mais dinâmicas. Segundo BORGES (1993, pág. 62) <i>“Na atual sociedade de massas, todos os meios de comunicação [...] fornecem fontes riquíssimas para a história dos tempos mais próximos”</i>. Dessa forma as atividades mostraram aos alunos que as mudanças provocam transformações nos aspectos da vida cotidiana, levando-os a perceber a importância de se fazer diferentes leituras sobre o conhecimento histórico produzido em diferentes épocas.</p>
	



## IMAGENS



Estas práticas emergem do processo de aprendizagem na iniciação à docência, possibilitadas pela oportunidade de inserção destes alunos no PIBIB. As quais constituíram-se a partir da base de conhecimentos oferecidos na Licenciatura em História em seu curso, envolveu múltiplas reflexões inclusive, a prática docente exercida posterior à formação inicial e até mesmo anterior a ela. Como fora descrito no início deste trabalho. O uso de Sequências didáticas em todas as oficinas estiveram apoiadas nas experiências de Santos; Lanferdini; Cristovão (2011), estes autores partilham a ideia de que uma Sequência Didática, tem como finalidade ajudar os alunos a apropriarem-se de um tema ou gênero textual possibilitando- os escrever e falar pois é um instrumento didático que visa possibilitar aos alunos práticas de linguagem novas ou de difícil apropriação. Por fim, aprenderam com Couto (2005), que a aprendizagem da prática não é simplesmente a prática pela prática, há a marca da trajetória pessoal, cognitiva e afetiva do professor, para lidar com o conteúdo e transformá-lo em conteúdo ensinado, além de refletir a sua aprendizagem.

## CONCLUSÃO

Três atitudes básicas orientaram as ações pedagógicas do Subprojeto PIBID História desenvolvidas nas escolas da Rede Pública Estadual e Municipal de Parintins. A primeira foi a atitude de diálogo que sempre se tentou manter com o corpo teórico selecionado para orientar as referidas ações. A segunda foi abrir espaço para diálogo, que sempre se tentou manter com os professores supervisores tanto nas escolas como na universidade e principalmente com os gestores destas escolas, muitas vezes até forçados por situações de ordem operacional.

A terceira situa- se no âmbito do domínio dos conteúdos desenvolvido pela coordenação de área com os bolsistas na forma de grupo de estudo/ pesquisa em um dia definida por semana. É nesse contexto que as oficinas de formação propiciaram o “fazer histórico,” dos bolsistas junto aos alunos como forma de potencializar a participação destes durante o desenvolvimento das atividades trabalhadas em sala e junto aos professores supervisores, era necessário possibilitar a estes, a construção do valor da cidadania e a tomada de consciência sobre seu papel na sociedade a partir do “conhecer- na- ação e reflexão- na- ação, como perspectiva de encaminhamentos práticos.

Conhecer o real sentido da História se faz importante para romper com a noção de História presa apenas ao passado, aos grandes nomes e aos grandes feitos, é preciso mostrar a simultaneidade do tempo no espaço para que crianças e jovens possam ser capazes de entender o movimento da História e a partir disso, sentirem- se sujeitos ativos fazedores da História em um tempo e espaço determinado. E o PIBID pode contribuir em muito para que os futuros docentes tenham acesso e oportunidades de construir significativamente uma trajetória formativa fundamentada com os conhecimentos do espaço escolar ao se colocarem como pesquisadores dessa realidade e da necessidade aprimoramento a cada dia.

## REFERÊNCIAS

BORGES, Vavy Pacheco. **O que é a história**. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

COUTO, Maria Elizabete Souza (UESC-Ba/ UFSCar). **A Aprendizagem da Docência de Professores em Curso de Formação Continuada na Modalidade a Distância**. VIII Congresso Estadual Paulista sobre Formação de Educadores/ UNESP, 2005.

FALCON, Francisco José Calazans. **História cultural: uma visão sobre a sociedade e a cultura**. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

HERMETO, Miriam. **Canção popular brasileira e ensino de História: palavras, sons e tantos sentidos**. Belo Horizonte, Autentica Editora, 2012.

SANTOS, Lucas M. dos Anjos; LANFERDINI, Priscila A. F.; CRISTOVÃO, Vera Lúcia Lopes. **Dos saberes para ensinar aos saberes didatizados: uma análise da concepção de Sequência didática segundo o isd e sua reconcepção na Revista Nova Escola**. Linguagem em (Dis)curso, Tubarão, SC, v. 11, n. 2, p. 377-400, maio/ago. 2011

SCHON, Donald A. **Educando o profissional reflexivo. Um novo design para o ensino e a aprendizagem**. Tradução: Roberto Catal da Costa – Porto Alegre: ARTMED, 2000.

ZIBETTI, Maria Lucia Tonatto. **Perspectiva histórico- crítica da educação e formação de professores: implicações para o PIBID**. In: JUNIOR, Wilmo E. Francisco & ZIBETTI, Maria





Lucia Tonatto. **PIBID- Novos ou velhos espaços formativos? Perspectivas para a formação docente em Rondônia e no Brasil.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2011.

